

DEMÔNIOS CONSTRUINDO UM CÉU: FÉ, SEXUALIDADE, CAPTURAS E RESISTÊNCIAS NO CENÁRIO RELIGIOSO DAS IGREJAS CRISTÃS INCLUSIVAS¹

Francisco Ullissis Paixão e Vasconcelos²

408 | Francisco Ricardo Miranda Pinto³

Dayse Paixão e Vasconcelos⁴

Francileuda Farrapo Portela⁵

Graça Maria de Moraes Aguiar e Silva⁶

Resumo

Este estudo tem como temática central a agonística da fé no contexto das sexualidades, a partir do cenário atual das Igrejas Cristã Inclusivas. O objetivo geral foi problematizar, de maneira inicial, as vivências das Igrejas Cristãs Inclusivas, no contexto das configurações normativas à cerca do sexo, uma vez que a Bíblia é um código moral historicamente marcado pelas lógicas patriarcais, heteronormativas e ocidentais. Na produção dos dados discutimos as dificuldades encontradas entre a união das práticas cristãs fundamentadas na Bíblia e as vivências dissidentes e fluidas, sobretudo na perspectiva *Queer*. Embora consideremos os movimentos das Igrejas Cristãs Inclusivas como revolucionários e fundamentais, vemos que é necessário continuar problematizando as vivências que se engendram em seus interiores, para que possamos construir caminhos de fé libertadores e não novas amarras.

Palavras-chave: Igrejas Cristã Incluivas; Fé; Sexualidade; LGBTTQ

Introdução

Embora nem sempre tenha sido assim, o que vemos é que a sexualidade cada vez mais vem chamando cada vez mais atenção de estudiosos das mais diversas áreas e com enfoques e interesses também diversificados. Ninguém consegue fugir dos inúmeros olhares que se lançam sobre as sexualidades, e conseqüentemente sobre os corpos, as práticas, as subjetividades. Olhares antropológicos, médicos, sociológicos, psicológicos, religiosos (Alves, 2009). Olhares poderosos que, num jogo de saber-poder (Foucault, 1972) articula engrenagens que, ao contrário do que se pensa, não descobre a sexualidade escondida e a compreende em

¹ Trabalho apresentado no GT "Economia do sexo: direitos, prazeres e autonomias" do V Congresso Internacional em Estudos Culturais: Género, Direitos Humanos e Ativismos.

² Professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Mestre em Psicologia pela Universidades de Fortaleza. Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: fupv_26@hotmail.com

³ Professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú e da Prefeitura Municipal de Varjota, Mestrando em Saúde Coletiva, Universidades de Fortaleza. E-mail: ricardo-miranda1629@hotmail.com

⁴ Professora da Universidade de Fortaleza. Mestre em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: daysepaixao@hotmail.com

⁵ Acadêmica de Psicologia das Faculdades Luciano Feijão. E-mail: cileudaportela@gmail.com

⁶ Professora das Faculdades INTA. Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: gmorris2005@hotmail.com

sua essência, mas a produz, a controla por meio de mecanismos já naturalizados com o auxílio da moral cristã e com o suposto pudor moderno que exige que se esconda as “vergonhas”, num movimento esquizofrênico, já que negava-se tudo o que todo mundo fazia, inclusive os defensores públicos dessa tal moralidade (Foucault, 2011).

Considerando, portanto, o fenômeno do avanço, sempre crescente, e a disseminação dos ideais das Igrejas Inclusivas, bem como seus desafios frente a tradicional cultura (portanto arbitrária) heteronormativa, e crendo como Foucault (2010a) que o poder gera resistência, e que esta pode ser capturada por novos aparatos de poder, nos pusemos a tecer indagações que se pretendem norteadoras dos processos investigativos dessa proposta tais como: Como as Igrejas Inclusivas, pretendendo-se cristãs, rompem com a “heterossexualidade compulsória” estabelecida pelas Igrejas tradicionais através da noção de pecado? De que maneira as Igrejas Inclusivas constroem ideias de normatividade, se é que o fazem? Que moralidades estão presentes ou são produzidas no contexto das Igrejas Inclusivas? Que configurações e representações familiares e de casamento estão presentes nas Igrejas Inclusivas?

E a partir dessas indagações elegemos como objetivo geral problematizar as vivências religiosas das Igrejas Cristãs Inclusivas frente à cultura religiosa heteronormativa, e como objetivos específicos identificar como as Igrejas Inclusivas, pretendendo-se cristãs, rompem com a “heterossexualidade compulsória” estabelecida pelas Igrejas tradicionais e ressignificam a noção de pecado; verificar de que maneira as Igrejas Inclusivas constroem ideias de normatividade, se é que o fazem; mapear moralidades presentes ou que são produzidas no contexto das Igrejas Inclusivas; perceber que configurações e representações familiares e de casamento estão presentes nas Igrejas Inclusivas.

Nessa proposta de pesquisa, alguns demarcadores teóricos são fundamentais para nortear as aproximações pretendidas e a problematização do campo, como o conceito de heteronormatividade constituído nos termos de Louro (2009, 2004), Pocaahy (2012) e Pocaahy & Nardi (2007), enquanto um regime político arbitrário que consiste em determinar práticas e condutas normativas nas formas de performar o gênero e de experimentar a sexualidade, considerando-se em seu fundamento a compulsoriedade da heterossexualidade (em seu caráter de suposta evidência, isto é, de que todo mundo nasce e é heterossexual, e nos seus privilégios sociais, dado seu caráter de algo natural e inquestionável - a partir da linha de inteligibilidade amalgamada em corpo/sexo-gênero-sexualidade/prazer/desejo).

Posicionamentos teórico-metodológicos da Investigação

Gostaríamos de reafirmar que entendemos metodologia como um caminho a percorrer, um como fazer pesquisa, que se materializará sempre a partir de uma teoria e comprometido com ela, com sua forma de ver o mundo e a própria pesquisa (Meyer & Paraíso, 2012). É por isso que se faz importante salientar que neste trabalho buscamos nos entrelaçar entre as formas de regulação socioculturais a partir dos dispositivos de gênero e sexualidade, tendo como referência elementos teórico-metodológicos das perspectivas foucaultianas presentes nos Estudos Culturais, Estudos Feministas e Estudos *Queer*, que se encontram na fronteira de uma zona epistemológica, em espécie de intersecção entre o pós-modernismo e pós-estruturalismo (Prysthon, 2003).

Este trabalho se insere dentro das perspectivas qualitativas, num processo de constituição constante do próprio caminho metodológico que não se pretende rigidamente definido. Ademais, a postura do pesquisador na pesquisa qualitativa baseia-se numa visão de ciências “relacional, heterogênea, situada, política, ideológica, não dogmática, não vinculada a verdades universais, não determinística, crítica, ideográfica e, por isso, essencialmente interpretativa” (Roratto, 2010. p. 176), possibilitando assim uma proximidade com o paradigma aqui desenvolvido pelas possibilidades de inovação na forma de coleta e análise de dados.

A princípio trazemos aqui uma discussão teórica que busca tecer problematizações iniciais acerca das questões aparentemente destoantes presentes nas vivências das Igrejas Cristãs Inclusivas. Daí entendermos este trabalho como de caráter descritivo e exploratório. Descritivo à medida que se buscou “descrever as características de uma determinada população ou fenômeno” (Gil, 1999, p. 45), e exploratório uma vez que se objetivou proporcionar uma visão geral, aproximativa, de determinado fato (id., ibid.).

As problematizações iniciais se deram após navegarmos nos sites de algumas Igrejas, mais precisamente cinco delas: Comunidade Cristã Nova Esperança, Igreja Cristã Metropolitana, Igreja Cristã Contemporânea, Igreja Evangélica Bom Pastor e Igreja Inclusiva Nova Vida.

Neste trabalho apresentamos problematizações construídas a partir de inquietações surgidas por meio do conhecimento do conteúdo dos sites das referidas Igrejas, sobretudo no que toca as regras morais e as vivências balizadas pela noção de pecado.

Resultados

Sexualidade/Sexo e Religião, ao menos religião judaico-cristã, parecem nunca terem sido “amigas” e isso influenciou significativa a história da humanidade, ao menos no que se refere aos dois mil anos do calendário cristão. Tradicionalmente (embora não oficialmente) ligado ao pecado de Adão (Bíblia de Jerusalém, 2002), o sexo foi um tema que a religião nem sempre viu como algo positivo. Embora seja legítimo dos seres vivos, entre seres humanos ele ganhou um ar de racionalidade e administração, e a religião contribuiu significativamente através da moral e da teologia da sexualidade que normatiza o sexo e o atrela à reprodução da espécie (Catecismo da Igreja Católica, 1998). Como defende Stefanuto (2013), “o ser humano é chamado ao amor na sua unidade corpórea-espiritual. Feminilidade e masculinidade são dons complementares, pelo que a sexualidade humana é parte integrante da capacidade concreta de amor que Deus inscreveu no homem e na mulher”⁷, assim, toda experiência sexual que não tenha por finalidade a reprodução não pode ser compreendida como correta.

Refletindo a partir de Pochay e Dornelles (2010) vemos que as instituições modernas, com bom destaque para as Igrejas, são sustentadoras e continuadoras de dispositivos que sustentam os modelos heterossexistas. Dar-se conta disso é significativamente relevante para sustentar as discussões travadas neste estudo.

É, portanto, nesse contexto que a heteronormatividade foi/é construída e/ou fortificada à medida que o par homem-mulher é assumido como única possibilidade legítima para a vivência da sexualidade, tanto é que Stefanuto (2013) diz que “quando o amor é vivido no ma-

⁷ Sem referência de página.

trimônio, ele compreende e ultrapassa a amizade e realiza-se entre um homem e uma mulher que se dão na totalidade, respectivamente segundo a masculinidade e feminilidade...”⁸

O conceito de heteronormatividade é trabalho por Butler (Prins, B. & Meijer, I. C., 2002), em sua reflexão sobre como a sociedade ocidental foi legitimando as normas de gênero a partir de uma “matriz heterossexual”, como diz a própria Butler. Essa matriz heterossexual é marcada pela binariedade e oposição homem-mulher / masculino-feminino, sendo que esses binômios se atraem mutuamente, como um ima, nua legitimação do desejo como sendo sempre heterossexual.

Legitimando e impondo uma “heterossexualidade compulsória”, os diversos aparados da modernidade, e aqui salientamos as engrenagens religiosas, puseram as práticas homossexuais numa condição de abjeção tal que, por séculos, estas foram associadas a adjetivos tais como demônio, besta fera...

Além do mais, as práticas cristãs acabaram por eleger como verdade o amor Ágape, cujo pressuposto é de que se ame apesar dos interesses, e excomungar qualquer vivência de um amor Eros, que se refere aos desejos ligados a práticas eróticas.

Sem contar que as ciências biopsicológicas e da saúde, como afirma Meyer (2012),

se constituem um campo discursivo privilegiado no processo de significação epistêmica do corpo, do gênero, da sexualidade, da reprodução humana e da parentalidade, bem como dos processos substantivos de disciplinamento e controle que englobam esses corpos na vida cotidiana, nas culturas ocidentais modernas (p. 53).

E nesse cenário complexo e multifacetado que vimos surgir vivências e práticas heterossexistas que tem se referido às práticas e discursos que buscam afirmar e legitimar a heterossexualidade enquanto vivência superior e legítima frente a qualquer outra experiência sexual, tais como as homo, bi ou transexuais (Van de Ven, 1996).

Em sua relação histórica com práticas hetero/sexistas as religiões ocidentais atuaram e atuam recriando um viver heteronormativo fazendo os corpos e as subjetividades asfixiadas pelas normas de gênero, onde a correia desta coleira é um dos efeitos do dispositivo da sexualidade que, nos termos de Foucault (2011):

(...) é um nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (p.116-117).

À medida que meus⁹ pensamentos fervilhavam pensando sobre essas questões, lembava-me dos ensinamentos catequéticos de infância, sobretudo quando me deparei, em um momento desses em que navegava (ou vagava) pela internet, com uma chamada sobre uma Igreja Cristã Inclusiva. Assim eram chamadas por se autocaracterizarem como aquelas

⁸ Sem referência de página.

⁹ Escrevo aqui em primeira pessoa para demarcar as influencias que tive dessa cultura heteronormativa e que também acabaram por basilar meu olhar. Sinto que isso é que justifica minhas inquietações de pesquisa.

que não excluem gays e lésbicas ou por critério de cor (Natividade, 2008), e como nos diz Weiss (2013), um fenômeno bastante recente no Brasil que

chama atenção pela compatibilização de condutas não heterossexuais e cristianismo (majoritariamente evangélico). A partir do início dos anos 2000 acontece a proliferação de diversas denominações no Brasil, sendo que os dois grandes centros com maior número de igrejas são Rio de Janeiro e São Paulo. (Weiss de Jesus, 2013, p.1)

412 |

Inclusive Weiss de Jesus (2013) considera que o termo Igreja Inclusiva se constitui como um “termo êmico bastante controverso, pelo qual se designam as igrejas pode, em geral, ser definido em termos de compatibilizar sexualidades não heterossexuais e religiosidades cristãs; tais igrejas não são discriminatórias a LGBTs” (p. 2).

E é exatamente essa tentativa de unir cristianismo e condutas não heterossexuais que chama mais atenção nas perspectivas de estudo vislumbradas por nós já que a união entre fé cristã e homossexualismo, por exemplo, traz problemas dogmáticos e teológicos à partir da teologia moral e sexual que fora até entra criada e difundida. As Igrejas inclusivas, a nosso ver, necessitam portanto mais que o nome de inclusivas: ela necessitam romper com tradição acerca da sexualidade que chegou até nós, após anos de disseminação.

Alguns estudos nesse sentido já vêm sendo propostos, como no caso dos desenvolvidos por Musskopf (2003) que propõe uma reviravolta teológica ao anunciar uma Teologia Gay ou Teologia Inclusiva, embora pareçam tão dicotômicas as duas propostas.

Alguns estudiosos brasileiros já vêm se debruçando sobre esse fenômeno e já problematizam inclusive as possíveis normatizações que surgem à partir desse movimento de resistências que são as Igrejas Inclusivas. Dentre eles destacamos Musskopf (2004) que em seu trabalho de mestrado realizou um estudo didático-histórico-sistemático sobre a ordenação ministerial de Homossexuais e Natividade (2004) que dissertou, por meio de uma análise bibliográfica, acerca das carreiras Homossexuais e o Pentecostalismo.

Quatro anos depois Natividade (2008) defende sua tese junto ao programa de pós-graduação em Sociologia e Antropologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que versava a disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil. E mais recentemente Rodrigues (2009) fez estudos psicológicos das igrejas inclusivas, a partir do olhar de seus pastores.

Todos estes estudos pioneiros apontam para a revolução que foi e é propor uma nova forma de vivência religiosa, onde a sexualidade não é um problema, mas é acolhida como algo de Deus. No entanto, no jogo de poder e resistência, é necessário que fiquemos atentos aos movimentos engenhos que buscam capturar as resistências ou mesmo sabermos onde as resistências sofrem fissuras, embora não possamos fugir das recapturas, uma vez que é neste jogo sinuoso em que estamos metidos.

Em nossos movimentos iniciais de pesquisa, nos estranhou ver nos sites das Igrejas, regras carregadas de certas moralidades, que, embora estejam entre os avanços religiosos na relação com a sexualidade ocidental, ainda nos parecem muito marcadas pela lógica heteronormativa. No momento em que as Igrejas Cristãs Inclusivas, ou pelo menos parte delas (já que não pudemos ver todos os sites e alguns não constam links que falem de regras vivenciais), trazem condições como união estável de dois anos para poderem casar-se, não considerando, por exemplo, a possibilidade de vivências conjugais entre três ou mais pessoas.

Inegavelmente há, ainda, marcas normatizadoras que remontam a práticas tradicionais de conjugalidade e de práticas sexuais que buscam conformar as vivências de seus membros às exigências bíblicas.

Discussões

| 413

Diante das contingências históricas e cultural-religiosas que determinaram e determinam essa forma naturalizada de ver o homem e a mulher e suas sexualidades e possibilidades de ser e existir, também algo se produziu no sentido de interrogar esta suposta evidência e naturalidade, sobretudo quando se passa a ver esta como uma produção, como afirma Louro (2008):

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. (p. 18)

E as articulações que aqui pretendemos fazer passam diretamente pela concepção de que tanto gênero como a sexualidade são conceitos construídos (Louro, 2012) por pedagogias de gênero e sexualidade, que se referem aos mais variados trabalhos educativos desenvolvidos pelas diversas instâncias da sociedade tais como Igrejas, mídia e escolas (Louro, 2010).

Essas novas articulações discursivas acerca do gênero e da sexualidade e consequentemente das formas de regulação social generificadas foram e são impactantes e certamente produziram seus efeitos enquanto resistência à forma naturalizada de ver/perceber/fazer de alguém homem ou mulher e suas sexualidades.

Assim, partimos do “princípio” de que as articulações discursivas acerca das sexualidades se configuram como fôrmas/moldes subjetivantes à medida que as pedagogias de gênero e sexualidade presentes na sociedade moderna se mostraram imensamente criativas em suas tecnologias de regulação dos corpos e das vidas dos sujeitos humanos, balizando as formas de experimentar prazeres e viver as sexualidades (Louro, 2007, p. 204), aliciando, agenciando, capturando, das mais diferentes formas, os sujeitos e suas experiências (Foucault, 2010b).

As problematizações feministas e *queer* (Louro, 2004) sobre gênero e sexualidade assumem aqui importante lugar no deslocamento dessas representações, e é a partir de alguns dos pressupostos e das suspeitas que estas posturas epistemológicas produzem que firmamos (ou não) os nossos passos e reafirmamos nosso olhar investigativo.

Considerações Finais

O que pensamos neste trabalho não o temos como verdade, uma vez que não partimos de universais, mas, sobretudo, por se tratar de aproximações iniciais com o campo de pesquisa. No entanto, não pudemos deixar de notar o grande desafio que é re-territorializar a matriz religiosa cristã, para que esta atenda às propostas inclusivas. Embora encontremos em Jesus uma postura inclusiva, o cristianismo enquanto cultura enraizada na história, e a

própria configuração bíblica por meio dos apóstolos, engendraram certas realidades que ainda balizam e configuram as vivências, sobretudo as sexuais, e isto está claro nas normas das Igrejas Cristãs Inclusivas, uma vez que elas ainda não consideram plenamente a possibilidade de transitar e re-transitar. De ir e vir, ou de nem ir e nem vir.

Neste momento, reafirmamos nosso desejo de continuar nos aproximando deste universo fascinante e necessário, que são as Igrejas Cristãs Inclusivas, mas atentando para os discursos heteronormativos e normatizadores que podem permear as práticas sexuais de seus membros, bem como para as resistências que surgem neste contexto.

414 |

Referências

- Alves, Z. (2009). Religião e Sexualidade: reflexões sobre Igrejas Inclusivas na cidade de São Paulo. *XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões. Sociabilidades religiosas: mitos, ritos e identidades*. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_ALVES_religi%C3%A3o_sexualidade.pdf> Acessado em 13 de março de 2014.
- Araújo, L. F. S. de. (2005). Processos de subjetivação inscritos na constituição da experiência de si da/o enfermeira/o, nas práticas assistenciais de um cenário de trabalho exemplar – a Unidade de Terapia Intensiva. *Tese de Doutorado. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Ribeirão Preto, 2005*. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22132/td-28112005-112621/pt-br.php>> Acessado em: 18 de julho de 2011.
- Bíblia. (2002). Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus.
- Blasco, T. y Otero, T. (2008). Técnicas conversacionales para larecogida de datos en investigación cualitativa: La entrevista (II). *Nure Investigación, 34*. Disponível em: <http://www.nureinvestigacion.es/FI-CHEROS_ADMINISTRADOR/F_METODOLOGICA/format_332622008133517.pdf> Acessado em 28 de abril de 2014.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Foucault, M. (1972). *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2010a). *Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão*. 38 ed. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2010b). *O governo de si e dos outros*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- _____. (2011). *História da Sexualidade. A vontade de saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Graal.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- Louro, G. L. (2004). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- _____. (2007). Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista*. Belo Horizonte. N. 46. p. 201-218. dez.
- _____. (2008). Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, Ago, 2008, vol. 19, n.2, p. 17-23.
- _____. (2010). Pedagogias da Sexualidade. In: Louro, G. L. (org). (2010). *O corpo educado. Pedagogias da sexualidade*. 3 ed. Belo Horizonte: autêntica.
- Meyer, D. E. (2012). Abordagem pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: Meyer, D. E. & Paraíso, M. A. *Metodologias de Pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas*. Belo Horizonte: Mazza Edições.
- Meyer, D. E.; Paraíso, M. A. (2012). *Metodologias de Pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições.
- Musskopf, A. S. (2003). A Teologia que sai do Armário: um depoimento Teológico. *Impulso, Piracicaba, 14(34): 129-146, 2003*. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp34art09.pdf>> Acessado em 24 de fevereiro de 2014.

- _____. (2004) *Talar Rosa: Um estudo didático-histórico-sistemático sobre a Ordenação ao Ministério por Homossexuais*. São Leopoldo, 2004. (Dissertação: Mestrado em Teologia), Escola Superior de Teologia.
- Natividade, M. T. (2008). *Deus me aceita como sou? A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil*. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia). Rio de Janeiro: IFICS/UFRJ, 2008.
- _____. (2004). *Carreiras Homossexuais e Pentecostalismo: Análise de biografias*. Rio de Janeiro, 2004. (Dissertação: Mestrado em Saúde Coletiva), Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Pocahy, F. A. (2012). “Vem meu menino, deixa eu causar inveja”: ressignificações de si nas transas do sexo tarifado. *Sexualid, Salud y Sociedad*, Ago 2012, no.11, p.122-154.
- Pocahy, F. A.; Nardi, H. (2007). C. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. *Revista de Estudos Feministas*, Abr 2007, vol.15, no.1, p.45-66.
- Pocahy, F. A.; Dornelles, P. G. (2010). Um corpo entre o gênero e a sexualidade : notas sobre educação e abjeção. *Instrumento*, v. 12, n. 2, p. 125-135, jul./dez.
- Prins, B.; Meijer, I. C. (2002). Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas** [online].v.10.n.1. p. 155-167.
- Prysthon, Â. (2003). Estudos Culturais: uma (In)Disciplina? *Comunicação e Espaço público*, Ano VI, nº 1 e 2.
- Rocha, M. L. da. (1996). *Do tédio à cronogênese: uma abordagem ético-estético-política da prática escolar*. Tese não publicada. Programa de Estudos pós-graduados em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Rodrigues, E. L. (2009). *Igrejas Evangélicas Inclusivas das cidades de São Paulo e Guarulhos: Um estudo psicológico das igrejas vistas por seus pastores*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, PUC, São Paulo.
- Roratto, J. M. (2010). Posições subjetivistas e objetivistas de ciência: a hermenêutica como fundamento da pesquisa qualitativa. *Roteiro*, Joaçaba, v. 35, n. 1, p. 175-192, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/rroteiro/article/download/233/23>>. Acessado em: 15 de julho de 2010.
- Weiss de Jesus, F. (2013). *Igrejas Inclusivas em perspectiva comparada: da “inclusão radical” ao mover “apostólico”*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384797997_ARQUIVO_FatimaWeissdeJesus.pdf> Acessado em 13 de março de 2014.